



JOGO DOS SETE ERROS
Ranchinho e Rodrigo Andrade
10 pinturas e 10 versões

JOGO DOS SETE ERROS

Ranchinho e Rodrigo Andrade
10 pinturas e 10 versões

setembro e outubro 2012



Ranchinho

Noturno, 1987

Óleo sobre cartão

34 x 50 cm



Rodrigo Andrade

Versão sobre obra de Ranchinho *Noturno*

1987 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

34 x 50 cm

Ranchinho e Rodrigo Andrade, lado a lado

No final dos anos 80, na Galeria de Arte Paulo Vasconcellos, Paulo e eu, sócios naquela época, realizamos a exposição individual do pintor Sebastião Theodoro Paulino da Silva, mais conhecido como Ranchinho. Ele estava vivo e o trouxemos para a abertura. Fiquei impressionada de ver aquele homem pequeno, ansioso e inquieto, portador de deficiência mental desde a infância, transformar-se completamente quando tinha em mãos qualquer material para desenhar. Concentrava-se, acalmava-se, aquietava-se. Era outra pessoa. A mostra foi um sucesso. As obras eram belíssimas! O talento do artista era imperativo.

Agora, depois de tantos anos, consegui reunir obras dele para uma nova individual. A Germana Monte-Mór sugeriu que chamássemos o Rodrigo Andrade, artista contemporânea que nos anos 80 integrou o grupo Casa 7, para expor obras suas junto com as do Ranchinho. Há qualquer coisa no trabalho de ambos que os aproxima, e foi pensando nisso que chamamos o Rodrigo. Tremenda ousadia! Não sabíamos como ele reagiria.

Assim que mostramos ao Rodrigo a obra do Ranchinho, ele, entusiasmado, foi ainda mais ousado. Propôs pintar fazendo uma releitura da obra do artista não erudito nascido na cidade de Assis, interior de São Paulo.

Ranchinho e Rodrigo Andrade, lado a lado!

Rodrigo é um artista erudito, que estudou no Brasil, na Escócia e na França. Domina as técnicas de pintura, é criativo, sensível e corajoso. Sabe que ele e Ranchinho são diferentes entre si, mas isso não o impediu de emocionar-se e de reconhecer a qualidade da obra do colega autodidata, que apesar de tantas adversidades nos deixou um legado artístico maravilhoso!

São essas as aproximações, os diálogos, que nos permitem mostrar que a arte não tem fronteiras nem deveria encontrar barreiras. Isso é o fundamental, e tomara que seja esse o critério que nos domine diante da obra de arte.

Um agradecimento especial à Galeria Millan, de quem o Rodrigo é artista, que imediatamente concordou com o projeto, e a Tony Bellotto, que, tendo convivido com Ranchinho em Assis, virá dividir conosco aqueles momentos..

Espero que, ao olhar o resultado dessa ousadia, possamos todos nos abrir, coração e mente, para perceber que, como dizem, só existem dois tipos de arte: a boa e a ruim.

Vilma Eid





O centro do Universo

Tony Bellotto

No final dos anos 70 eu morava em Assis, no interior de São Paulo, e ali funcionava o centro do Universo. Eu pegava a bicicleta e percorria bucólicas estradinhas de terra nos entornos da cidade até encontrar uma mangueira solitária num pasto infinito. A arte me assombrava no alto da mangueira – e também debaixo ou longe dela –, e no horizonte eu vislumbrava, além de plantações de soja e crepúsculos sangrentos, os vultos dançantes de Carlos Castañeda, Rubem Fonseca, Chitãozinho e Xororó, Jimi Hendrix, Werner Herzog, Glauber Rocha, Carlos Zéfiro e Hugo Pratt. Foi nesse cenário que descobri o Ranchinho.

Na verdade eu já conhecia o Ranchinho antes, mas como o louco da aldeia. Desde criança notava a figura desconjuntada, vestindo um terno puído, mancando a caminho da catedral e alheio aos meninos que o cercavam e zombavam dele. Um andarilho alucinado, pensava eu, mais um Dom Quixote a enfrentar moinhos de vento pelas ruas da cidade. Ranchinho tinha uma certa semelhança com o Carlitos, de Charles Chaplin.

Só mais tarde descobri que Ranchinho, mais que um maluco que ia à missa todo dia e grunhia palavras ininteligíveis, era um artista inquieto e inventivo. Reproduzia com guache em caixas de papelão as visões que lhe rendiam as an-

danças pela cidade e adjacências: um enterro, galinhas numa granja, um trem que desliza pelos trilhos, bois numa pastagem, os personagens de um circo mambembe, uma noite de lua cheia. A visão daquelas pinturas teve para mim o efeito de uma revelação.

Por intermédio de José Nazareno Mimessi, morador da cidade, pesquisador e colecionador de arte, conheci melhor a obra de Ranchinho. Mimessi reconheceu o talento descomunal do homem e o ajudava, incentivando-o a pintar e divulgando seu trabalho em mostras de arte primitiva. Mas nas pinturas de Ranchinho não se distinguiam as imagens comuns da arte primitiva, ou naïf. Ali se contemplava a construção de um mundo pictórico que transportava Assis para além de qualquer mapa ou localização geográfica e a acomodava ao lado da Arles de Van Gogh sob o ponto de vista de alguém que viajasse a bordo da *Enterprise*, a nave espacial de *Jornada nas Estrelas*.

Decidi que faria um documentário sobre aquele homem. O que fatalmente se tornaria também um documentário sobre aquela cidade. Munido de uma câmera Super-8 comecei a perseguir o Ranchinho. No princípio ele se mostrou incomodado com a minha presença e a da câmera – mesmo depois de Mimessi explicar-lhe que eu admirava suas pinturas e queria registrar seu cotidiano e a forma como pintava –, mas depois acostumou-se e passou a demonstrar afeto por mim e, creio eu, também pela câmera.

Filmei Ranchinho em seu périplo diário pela cidade e suas idas constantes à igreja. Testemunhei sua atração obsessiva por enterros e velórios. Registrei seu método de trabalho – inspirado por um documentário a que assistira sobre Jackson Pollock –, num canto da casinha de madeira onde ele morava, uma edícula situada no quintal de uma casa maior em que viviam parentes. Ranchi-

nho pintava da mesma maneira que andava pela rua: ele parecia se mover dentro de um sonho, ou de uma engrenagem invisível que o submetesse a uma outra atmosfera.

Filmei várias de suas pinturas e depois tentei reproduzi-las filmando pela cidade as imagens e situações que supostamente haviam inspirado aquelas obras. Acordava às quatro da manhã e me encaminhava até um entroncamento ferroviário em busca do trem que atravessava Assis vindo de São Paulo a caminho de Presidente Prudente. Dediquei uma tarde inteira a filmar galinhas numa granja distante. A espera por um circo que aportasse na cidade atrasou em algumas semanas o fim das filmagens.

Quando o filme ficou pronto (com uma trilha sonora que misturava heavy metal e modas de viola), inscrevi-o em alguns festivais de Super-8. Não me lembro se fiz uma exibição em Assis em que estavam presentes amigos, o Mimessi e algumas pessoas que admiravam a obra do Ranchinho. Também não lembro se o Ranchinho chegou a ver o filme. Lembro que, alguns anos depois, quando eu já cursava a faculdade de arquitetura em Santos, o filme teve exibição numa sala de aula em que os dez ou quinze presentes aplaudiram as imagens estranhas sobre uma cidade estranha e um homem ainda mais estranho.

Depois guardei o filme numa caixa, e muitos anos depois constatei que ele havia desaparecido. Mas não perdi as pinturas do Ranchinho, que me permitem levar comigo – onde quer que eu esteja – o centro do Universo.



Uma experiência pictórico-psicodélica

Rodrigo Andrade

Ao ser convidado para uma exposição em dupla com Ranchinho, pinturas minhas ao lado das dele simplesmente, achei difícil, mas quando abri o arquivo que me enviaram com fotos das suas pinturas, as imagens atingiram em cheio minha retina e instantaneamente se formou em minha mente a ideia de fazer “réplicas” daquelas pinturas. Imaginei-as do mesmo tamanho, tão idênticas quanto possível, diferenciando-se apenas pelo uso do meu “método”, ou seja, primeiramente desenhando sobre uma projeção fotográfica na tela, depois fazendo a pintura propriamente dita sobre as marcações do desenho, e por fim aplicando uma grossa camada de tinta em algumas áreas definidas pelos recortes numa máscara ou estêncil. E assim foi feito.

Meu primeiro impulso foi dado pela oportunidade de empreender uma viagem a outro mundo, incorporando antropofagicamente algo daquela potência que vi no Ranchinho. E por acreditar na originalidade da ideia. Depois, já fisgado, pensei na possibilidade de levantar questões artísticas interessantes, relativizando a noção de estilo e abrindo brechas na barreira que existe entre a arte contemporânea, que dialoga com a tradição moderna e enfrenta questões conceituais sofisticadas, e a arte dita primitiva, com sua espontaneidade e pureza, afirmando um possível denominador comum entre elas, que seria uma pulsão criadora a-histórica.

A alguns anos atrás conheci um senhor bem velhinho, o seu Mario, vizinho ao meu ateliê, que abriu em sua garagem uma lojinha onde vendia alguns ob-

jetos que ele mesmo fazia, caixinhas, enfeites variados e também algumas pinturas. Com temas como pôr do sol, cavalos correndo e preto velho, as pinturas eram toscas, mas tinham algo enternecedor naquela tentativa tão espontânea de expressão. Imaginei, na época, uma exposição com aquelas pinturas ao lado das minhas (um germe desta?), como extremidades opostas de um mesmo arco que vai, se é que existe, do pintor de fim de semana ao pintor de arte contemporânea.

Ao fazer esta homenagem que faço a Ranchinho, sinto a tentação de estender a homenagem ao seu Mario e a todos os pintores anônimos, tipo “Praça da República”, mas seria um tanto demagógico, pois o que me aproxima de Ranchinho não é o fato de ele ser um artista popular, ingênuo e puro como milhões que existem no mundo, mas, ao contrário, o fato de ele ser um artista original, especial, e se destacar tanto do normal. Que eu faça um elogio da originalidade fazendo réplicas de outro artista é um paradoxo que espero venha agregar interesse a esta experiência.

Chamo essas minhas versões de réplicas por serem diferentes, por exemplo, das famosas versões de Picasso para pinturas de Manet ou Velázquez, onde a evidente subversão das pinturas originais era dada de saída. No meu caso, procurei manter um caráter de imitação, de tal forma que de longe elas parecessem idênticas às originais e a diferenciação fosse percebida apenas de perto, procurando assim surpreender o espectador e criar diferentes níveis de relação com as originais. Aqui, a presença do par – a pintura original e a réplica, lado a lado – é fundamental. Só assim é possível ver quanto são parecidas e quanto são diferentes. Esse é o jogo.

O processo me colocou numa posição incomum, a de imitar o modo de pintar de outro artista, no caso, a maneira rápida, ansiosa, de um só fôlego como

Ranchinho pintava. Usei pincéis redondos, como os que ele usava, geralmente maiores e mais estropiados do que os detalhes pediam. E tentei manter a mesma rapidez, o que para mim é algo natural, uma vez que eu mesmo também tenho certa urgência semelhante. É curioso ter de usar toda minha destreza para imitar uma gestualidade canhestra. E, ao pintar “do mesmo jeito” que ele, de certa maneira entrei na sua mente agitada, o que me abriu um espaço psicológico esquisito e interessante.

Apesar de sua falta de técnica, Ranchinho tinha uma extrema habilidade para ordenar suas cenas numa visão de tudo ao mesmo tempo, onde a individualidade dos objetos e seres se funde numa totalidade que sua pintura frenética era capaz de configurar quase que num golpe só, e com detalhes surpreendentemente agudos em meio às pinceladas aparentemente toscas. Ele tinha uma doença mental, e parece que só sossegava pintando. Se havia algo de psicótico nele, certamente ele encontrou nas suas pinturas uma felicidade que de outro modo talvez jamais pudesse encontrar. Nós, ao olhar suas pinturas, podemos ver algo dessa felicidade, bem como de seu doido frenesi.

E se Ranchinho tem um quê de um “Van Gogh de Assis” – uma voracidade ao apreender a realidade, uma necessidade psíquica profunda e urgente de fixá-la em formas e cores –, minhas réplicas incorporam às suas pinturas algo que há em Van Gogh e que não em Ranchinho: a materialidade. Nesse jogo, tive a satisfação de criar espaços, fragmentos e volumes nas pinturas planas e plenas de Ranchinho. E se suas pinturas o “salvam”, ao menos parcialmente, de sua loucura, tornando-a serena e harmônica, as minhas versões as “enlouquecem” de novo, fechando um ciclo, por assim dizer, que vai da sua psicose à minha psicodelia.



Ranchinho
Rodeio, 1994
Óleo sobre tela
60 x 73 cm



Rodrigo Andrade

Versão sobre obra de Ranchinho *Rodeio*, 1994 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

60 x 73 cm







Ranchinho

Caminhão de leite, 1989

Óleo sobre cartão

42 x 62 cm



Rodrigo Andrade

Versão sobre obra de Ranchinho *Caminhão de leite*, 1989 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

40 x 60 cm



Ranchinho

Sem título, 1987

Óleo sobre madeira

42 x 63 cm



Rodrigo Andrade

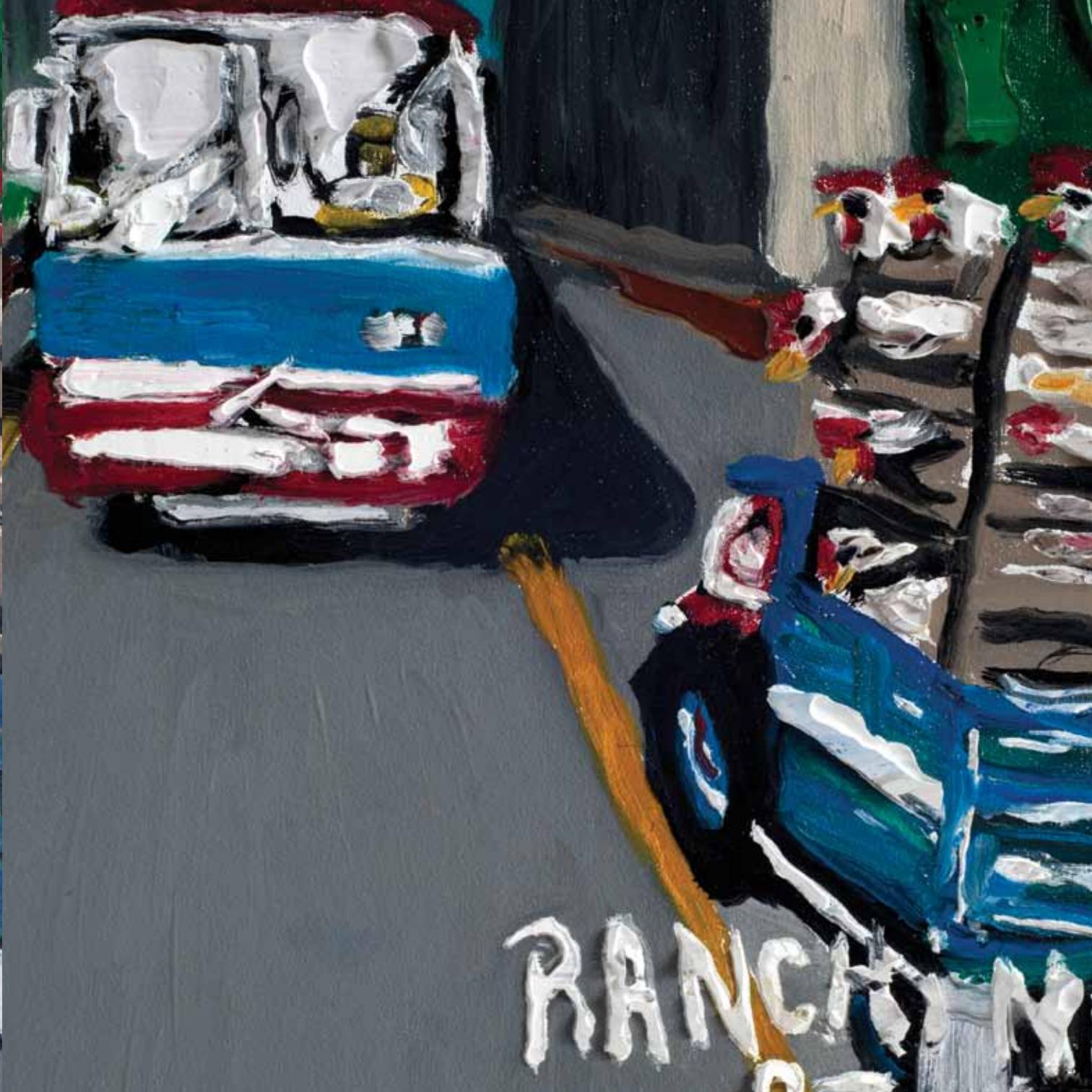
Versão sobre obra de Ranchinho sem título, 1987 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

40 x 60 cm



RANCH
27



RANCH



Ranchinho

Sem título, 1986

Óleo sobre cartão

39 x 58 cm



Rodrigo Andrade

Versão sobre obra de Ranchinho sem título, 1986 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

40 x 60 cm



RANCHINHO
86



ANCHI
86

Who



Ranchinho

Casório, 1982

Óleo sobre cartão

40 x 60 cm



Rodrigo Andrade

Versão sobre obra de Ranquinho Casório, 1982 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

40 x 60 cm



Ranchinho

Sem título, 1990
Óleo sobre cartão
40 x 60 cm



Rodrigo Andrade

Versão sobre obra de Ranchinho sem título, 1990 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

40 x 60 cm



RANCH

90



RANCH

9



Ranchinho

Trem, 1986

Óleo sobre cartão

40 x 60 cm

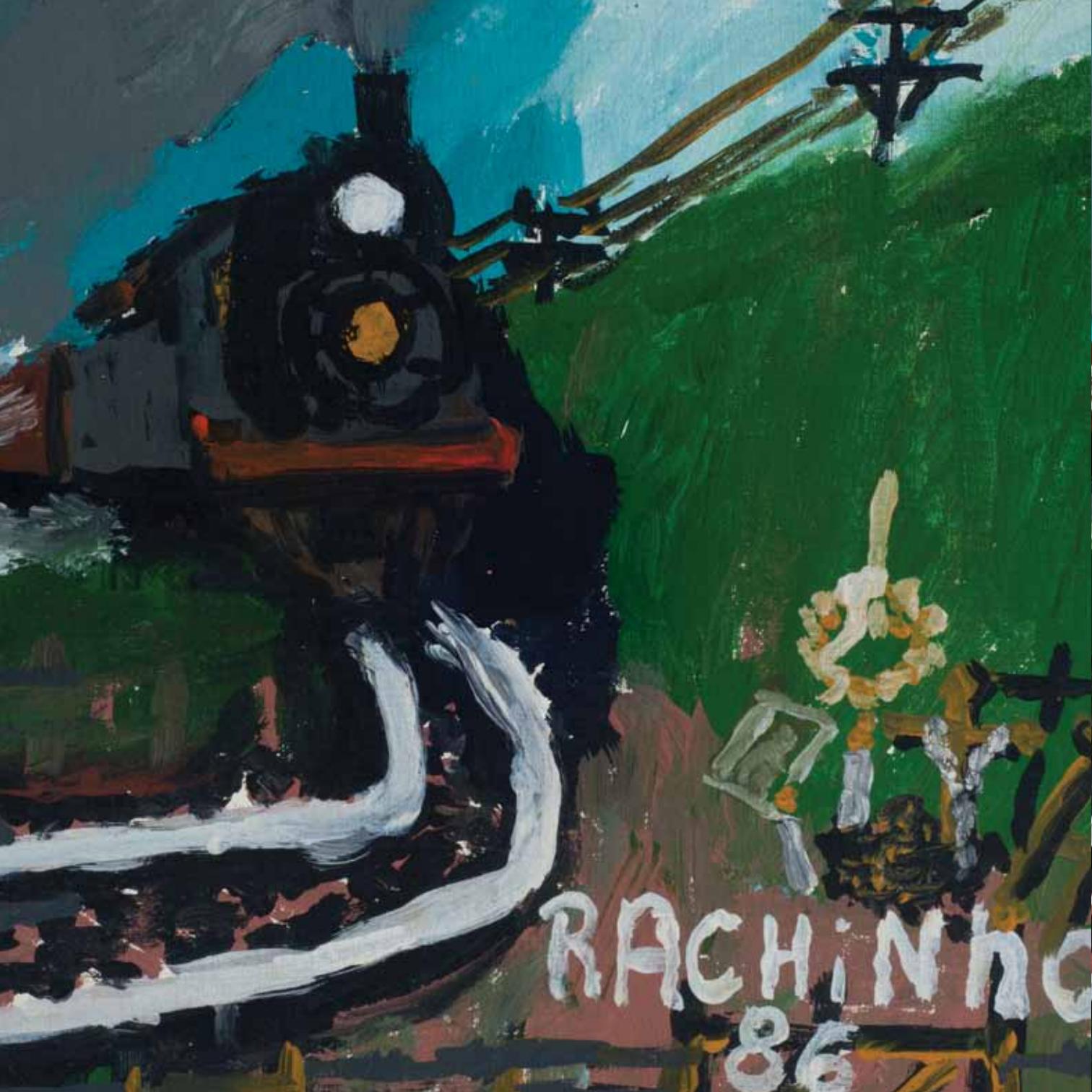


Rodrigo Andrade

Versão sobre obra de Ranchinho *Trem*, 1986 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

40 x 60 cm



RACHINHO

86



RACHINHO
86



Ranchinho

Cão e gato, 1986

Óleo sobre tela

40x 60 cm



Rodrigo Andrade

Versão sobre obra de Ranchinho *Cão e gato*, 1986 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

40 x 60 cm



CHiNho
86



CHINHO
86



Ranchinho

Circo, 1989

Óleo sobre cartão

42 x 63 cm



Rodrigo Andrade

Versão sobre obra de Ranchinho *Circo*, 1989 - 2012

Óleo sobre tela sobre mdf

40 x 60 cm







RANCHINHO
87



Ranchinho e Rodrigo Andrade 2012

Galeria Estação

Diretores

Vilma Eid

Roberto Eid Philipp

Textos

Vilma Eid

Rodrigo Andrade

Tony Bellotto

Produção

Germana Monte-Mór

Secretaria de produção

Giselli Mendonça Gumiero

Montagem **Casa 10 fix**

Desenho gráfico

Germana Monte-Mór

Rodrigo Andrade

Fotos **João Liberato**

Tratamento de imagens **Bruno Leão**

Revisão de texto **Otacílio Nunes**

Assessoria de Imprensa

Pool de comunicação

Impressão e acabamento **Lis Gráfica**

A foto da página 6 foi extraída do livro *A arte visionária de Ranchinho*, gentilmente cedida pelo editor Edgar Steffen Junior

Agradecimentos

Galeria Millan, Tony Bellotto, revista Raiz e

Edgar Stephan Junior

GALERIA  **ESTAÇÃO**

rua Ferreira de Araujo 625 Pinheiros SP 05428001

fone 11 3813 7253 www.galeriaestacao.com.br

